

# Parentalidade contemporânea e os desafios do primeiro ano de vida: reflexões a partir da teoria de Winnicott

*Contemporary Parenting and the Challenges of the First Year of Life: Reflections from Winnicott's Theory*

*La parentalidad contemporánea y los desafíos del primer año de vida: reflexiones desde la teoría de Winnicott*

Amanda Zedan de Carvalho<sup>1</sup> , Thassia Souza Emidio<sup>2</sup> 

**Resumo:** Este trabalho teve como objetivo compreender como se estabelece o vínculo entre pais e bebê ao longo do primeiro ano de vida e sua influência no desenvolvimento psíquico do indivíduo. Tomando por base a teoria psicanalítica, especificamente a perspectiva de Winnicott, buscou-se observar a importância deste vínculo, bem como o impacto da relação, sobretudo nos primórdios do nascimento, para a constituição do ser. Trata-se de uma pesquisa exploratória, teórica, fundamentada nas obras de Donald Winnicott e articulada com autores que discutem a parentalidade na atualidade. O método consistiu na análise e articulação crítica de textos psicanalíticos, respeitando o arcabouço teórico e clínico da psicanálise, no qual teoria, método e objeto de estudo se correlacionam. Baseado nessa articulação, pode-se considerar que a parentalidade na atualidade apresenta-se desafiadora, diante das múltiplas exigências destinadas aos cuidadores e dos imperativos e ideais sociais, permeados por uma lógica individualista e culpabilizante. Além disso, percebe-se a falta de apoio social e de políticas públicas de suporte, que refletem diretamente sobre a possibilidade de oferta de um ambiente suficientemente bom e no oferecimento das garantias necessárias para o vir a ser.

**Palavras-chave:** parentalidade; maternagem; relação paterno-filial; psicanálise.

**Abstract:** This study aimed to understand how the bond between parents and the baby is established throughout the first year of life and how it influences the individual's psychic development. Grounded in psychoanalytic theory, specifically from Winnicott's perspective, the study sought to examine the importance of this bond, as well as the impact of the relationship, especially in the earliest period on the constitution of the self. This is an exploratory and theoretical study, based on the works of Donald Winnicott and articulated with authors who discuss contemporary parenthood. The method consisted of the analysis and critical articulation of psychoanalytic texts, respecting the theoretical and clinical framework of psychoanalysis, in which theory, method, and object of study are interrelated. Based on this articulation, it may be considered that parenthood today is particularly challenging, given the multiple demands placed on caregivers, as well as the social imperatives and ideals permeated by an individualistic and guilt-inducing logic. Furthermore, there is a noticeable lack of social support and public policies, which directly affects the possibility of providing a sufficiently good environment and the necessary conditions for the infant's coming-into-being.

**Keywords:** parenting; maternal function; paternal function; psychoanalysis.

**Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo comprender cómo se establece el vínculo entre padres e infante a lo largo del primer año de vida y su influencia en el desarrollo psíquico del individuo. Tomando como base la teoría psicoanalítica, específicamente desde la perspectiva de Winnicott, se buscó observar la importancia de este vínculo, así como el impacto de esta relación, sobre todo en los momentos iniciales posteriores al nacimiento, en la constitución del ser. Se trata de una investigación exploratoria y teórica, fundamentada en las obras de Donald Winnicott y articulada con autores que discuten la parentalidad en la actualidad. El método consistió en el análisis y la articulación crítica de textos psicoanalíticos, respetando el marco teórico y clínico del psicoanálisis, en el cual teoría, método y objeto de estudio se encuentran interrelacionados. A partir de esta articulación, se puede considerar que la parentalidad en la actualidad se presenta como desafiante, frente a las múltiples exigencias dirigidas a los cuidadores y a los imperativos e ideales sociales, atravesados por una lógica individualista y culpabilizadora. Además, se observa una falta de apoyo social y de políticas públicas de soporte, que inciden directamente en la posibilidad de ofrecer un ambiente suficientemente bueno y las garantías necesarias para el devenir del ser.

**Palabras clave:** parentalidad; función materna; función paterna; psicoanálisis.

<sup>1</sup>Psicólogamestranda em Psicologia e Sociedade pela Univ. Estadual Paulista – UNESP, São Paulo, Brasil, e-mail: amanda.zedan@unesp.br

<sup>2</sup>Psicóloga professora assistente doutora do Departamento de Psicologia Clínica da Univ. Estadual Paulista, UNESP, São Paulo, Brasil, e-mail: thassia.unesp@unesp.br

**Recebido em:** 04/02/2026 | **Alterado em:** 26/02 e 08/08/2026 | **Aceito em:** 12/08/2026

## Introdução

A chegada de uma criança envolve um processo de investimento e de reorganização da dinâmica familiar que abarca um cenário de expectativas familiares e sociais na recepção desse novo membro.

Machado e Salomão (2022) apontam que a chegada de uma criança inaugura o processo de construção da parentalidade. Durante o primeiro ano de vida ocorre uma reorganização das expectativas e do exercício das funções de cuidado, envolvendo também a construção dos primeiros vínculos afetivos da criança. Trata-se de um período de grande adaptação, em busca de atender às necessidades físicas e emocionais do bebê.

Simão et al. (2026) colocam que pesquisas mais recentes têm mencionado o quanto as práticas parentais, as interações e os cuidados oferecidos pelos cuidadores no primeiro ano de vida interferem no desenvolvimento emocional da criança, constituindo bases importantes para a subjetivação e destacando a importância desses cuidados iniciais.

No contexto psicanalítico, Winnicott dedicou muitos dos seus estudos a refletir e a propor ideias sobre a importância dos investimentos e cuidados iniciais nos processos de subjetivação, compondo um arcabouço teórico e clínico importante para as discussões psicanalíticas na atualidade. Desse modo, questiona-se: Como se pode pensar a experiência dos cuidados iniciais e do exercício da parentalidade com base em Winnicott? Como suas ideias se articulam às discussões sobre a parentalidade? Como pensar os desafios da parentalidade na atualidade?

Este estudo teve como objetivo compreender como se estabelece o vínculo entre pais e bebê ao longo do primeiro ano de vida e sua influência no desenvolvimento psíquico do indivíduo. Baseado no recorte psicanalítico, da teoria de Winnicott, buscou-se compreender a importância deste vínculo, a fim de articular com as discussões e os estudos desenvolvidos sobre os desafios da parentalidade na atualidade.

## Método

Trata-se de uma pesquisa exploratória, de caráter teórico. Tavares e Hashimoto (2013) colocam que a pesquisa teórica em psicanálise se caracteriza pela análise rígida dos conceitos psicanalíticos. Nessa perspectiva, a pesquisa em psicanálise acontece por meio de um trabalho interpretativo e reflexivo sobre a teoria, no qual o posicionamento do pesquisador passa a ser parte do processo investigativo da pesquisa.

Buscou-se debruçar sobre a teoria de Winnicott, em especial nas obras *O brincar e a realidade* (1951/2022), *Da pediatria à psicanálise* (1956/2022), *Processos de amadurecimento e o ambiente facilitador* (1960/2020), *Os bebês e suas mães* (1967/2022), *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (1983) e *A família e o desenvolvimento individual* (1993), nos quais o autor se dedica a discutir a importância das funções parentais no primeiro ano de vida. Neste sentido, a proposta do presente estudo consiste em articular as referidas obras às discussões sobre os desafios da parentalidade na atualidade, de modo que, valendo-se de um exercício interpretativo (Hermann, 2004), possa ser produzida uma compreensão sobre determinado fenômeno.

Este estudo contou com uma etapa inicial exploratória, na qual se buscaram, nas obras de Winnicott, as discussões sobre as funções parentais. Após essa etapa exploratória, realizou-se uma busca não sistemática de artigos publicados em periódicos nacionais, com o objetivo de identificar produções que possibilitassem o diálogo entre as proposições winnicottianas e as discussões sobre a parentalidade na atualidade. A busca foi realizada nas bases de dados Scielo e Pepsic, utilizando os descritores “parentalidade”, “função parental”, “maternidade”, “paternidade”, “família” combinados por meio dos boleadores “e” e “ou”. Consideramos o período de 2005 a 2026 para a pesquisa das publicações, sendo importante destacar que foram privilegiados artigos que abordassem aspectos da parentalidade na contemporaneidade e que apresentassem elementos pertinentes à discussão proposta neste estudo.

É importante reiterar que a busca dos artigos publicados não teve como objetivo realizar uma revisão sistemática ou integrativa das produções sobre o tema, uma vez que os artigos foram utilizados como material teórico do estudo e foram selecionados em função de sua pertinência para a problematização e discussão do fenômeno investigado.

Com base na leitura dessas publicações, foi construída uma articulação entre a proposta de Winnicott e as discussões atuais sobre a parentalidade. Nesse percurso, promoveu-se um recorte de temas e conteúdos presentes nos artigos que fundamentaram a organização das categorias de análise propostas, constituindo material para o exercício interpretativo e para a articulação com os conceitos winnicottianos. A partir desse percurso, foram delineados os eixos temáticos que orientaram a discussão apresentada. Na sequência, foi realizada uma síntese reflexiva, pautada no material selecionado, com o propósito de apresentar uma compreensão sobre o tema estudado.

Nesse contexto, Tavares e Hashimoto (2013) contribuem dizendo:

Espera-se, assim, que, ao final de um trajeto de pesquisa, se caracterize um encerramento provisório de determinados questionamentos referentes a uma problemática, e que tais conclusões encerrem apenas uma etapa sempre transitória a partir da qual se mobilizem também outros sujeitos a novas aberturas e possibilidades disparadas pelas produções psicanalíticas (p. 177).

É importante ressaltar que o presente estudo não se propõe a responder de forma definitiva e concreta às questões que interferem na parentalidade contemporânea. Pretende-se, sobretudo, proporcionar um espaço de reflexão sobre os desafios que se apresentam.

## Resultados e Discussão

### *Winnicott e a importância das funções parentais no processo de amadurecimento*

Segundo Fulgêncio (2016), a experiência de ser a partir de si mesmo constitui o grande interesse de Winnicott, que busca compreender como a criança parte de um estado de não ser para adentrar no ser. Para que o sujeito possa ascender, é necessário um processo no qual ele se constitua e, para isso, algumas condições precisam ser garantidas. Para chegar à condição do “eu sou”, é imprescindível que o sujeito passe, inicialmente, pela experiência de ser por intermédio da garantia de outro ser humano.

Ao discutir sobre o vínculo mãe-bebê, Winnicott (1956/2022) apresenta o conceito de *preocupação materna primária*. Um estado psicológico no qual a mãe apresenta uma sensibilidade exacerbada, desde o final de sua gestação até as primeiras semanas após o parto, que lhe possibilita a adaptação às necessidades do bebê. Winnicott (1956/2022) assevera que:

Este estado organizado (que seria uma doença caso não houvesse uma gravidez) poderia ser comparado a um estado de retraimento ou de dissociação, ou a uma fuga, ou mesmo a uma perturbação num nível mais profundo, como um episódio esquizoide, no qual determinado aspecto da personalidade toma o poder temporariamente (p. 495).

A mãe que desenvolve esse estado de “*preocupação materna primária*” oferece uma condição para que a natureza da criança se manifeste, além de favorecer seu desenvolvimento e, conseqüentemente, experimentar movimentos espontâneos e se tornar possuidora das sensações equivalentes a essa etapa inicial da vida (Winnicott, 1956/2022).

Nessa perspectiva, Winnicott (1963/2020) compreende o amadurecimento emocional em três categorias – *Dependência Absoluta*, *Dependência Relativa* e *Rumo à independência* –, um processo gradual que se inicia em uma dependência absoluta do recém-nascido à figura materna; e avança, vagarosamente, em direção à autonomia. O desenvolvimento do bebê ocorre na relação direta com o outro, na qual a qualidade desta relação sustentará a sua experiência inicial de existir.

Winnicott (1960/2022) coloca que a preocupação materna primária se apresenta nessa fase inicial em que o bebê se encontra na *Dependência Absoluta*, um estado no qual não tem consciência do cuidado materno, apenas se beneficiando desse cuidado ou sofrendo com perturbações. Valendo-se dessas ideias do autor, pode-se pensar que, para que o bebê se desenvolva, é imprescindível que alguém o ampare neste processo, ou seja, é indispensável a presença de uma mãe (ou cuidadora) *suficientemente boa*, que seja capaz de dar suporte ao bebê. Winnicott (1951/2022, p. 28) ensina que a *mãe suficientemente boa* é “[...] aquela que passa por uma adaptação ativa em relação às necessidades do bebê, uma adaptação ativa que diminui de maneira gradativa, diante da crescente capacidade de ele encarar a falta de adaptação e de tolerar os resultados da frustração”.

Winnicott (1967/2022) assinala, ainda, que quando os pais transmitem segurança, os filhos começam a acreditar que o mundo é confiável e sentem-se mais fortes e capazes de enfrentar de forma saudável todos os períodos de seu desenvolvimento emocional. Assim, acredita-se que a personalidade do bebê se desenvolverá bem, se os pais puderem transmitir essa segurança de maneira satisfatória.

Nessa perspectiva, Winnicott (1967/2022) apresenta o seguinte conceito de *Holding*:

O cuidado com o bebê pode ser descrito em termos de “segurar” (*holding*), sobretudo se permitimos que o termo se amplie à medida que o bebê cresce e seu mundo se torna mais complexo. Com o tempo, o termo pode ser muito bem incluir a função da unidade familiar e, de maneira mais sofisticada, pode ser empregado para descrever as práticas assistenciais de profissionais especializados no cuidado (p. 76).

Neste começo, o segurar no sentido da estrutura física é o que dará condições facilitadoras ou não para o processo de amadurecimento do bebê. Ao ser bem segurado (*holding*), ao bebê é permitido progredir nas fases do seu desenvolvimento emocional. Além disso, sua personalidade será constituída de forma positiva (Winnicott, 1967/2022).

O toque suficientemente bom que o bebê recebe por meio da manipulação do cuidado inaugura uma “psique que habita o soma”, definida por Winnicott como “personalização”. Esse contato físico, que se deu pelo manejo, e que leva a criança a um reconhecimento gradativo do seu corpo, descrito pelo autor como *handling*, e que está estreitamente conjugado ao *holding*.

Em consequência do toque amoroso, o bebê percebe que seu sentimento de *self* concentra-se no interior do seu corpo, e isto é possível pela capacidade da mãe de se envolver emocionalmente com ele, possibilitando que alcance o seu status de unidade com o seu corpo. Acerca disso, Laurentiis (2016, p. 104) considera que “o corpo foi personalizado e tornou-se a sua morada”.

Por meio desta reflexão, convém ressaltar que, inicialmente, a mãe oferece ao bebê parte de si. É por meio do olhar constante e do cuidado repetido que ele vai se abrindo para o mundo. A figura materna cede à criança a sua habilidade de compreensão do mundo; desta forma, o contato físico, o carinho e a comunicação facilitam que o bebê construa representações do ambiente ao seu redor. Em vista disso, as necessidades do bebê causam nele sensações que alteram seu comportamento. A mãe atenta compreende essas mudanças e, como resposta, atende à demanda do filho. É uma dinâmica mútua entre dar e receber.

O conceito de ambiente também é fundamental na obra de Winnicott (1983). Para o autor, o bebê não existe sozinho, ele não é uma unidade e é dependente do ambiente. O que existe é uma relação ambiente-indivíduo, e sem uma provisão ambiental suficientemente boa, o *self* não se desenvolve. O potencial hereditário, quando investido e sustentado por um ambiente facilitador, possibilita que o eu se organize e que progressivamente o bebê venha a ser. São os primeiros cuidados que possibilitam que a criança se torne

capaz de adquirir confiança no mundo, por meio das representações de suas experiências vividas e dos cuidados recebidos.

A função paterna também é de extrema importância neste processo. É esperado que a mãe saudável regreda psiquicamente para se tornar compassível às necessidades do filho, mas, não se deve esquecer de que pode surgir um grande sentimento de desamparo por parte da genitora diante de tantas novas demandas. Assim, o pai deve exercer a função de amparar a mãe, para que ela ampare o bebê. Ele funcionará como um protetor da dupla mãe-filho, além de exercer a função de mãe-substituta.

Winnicott (1960/2020, p. 53) destaca o quanto é relevante a aptidão paterna em oferecer sustentação e provisão ambiental à díade:

Os cuidados parentais satisfatórios podem ser classificados em cerca de três estágios que se confundem: 1) Mãe segurando o bebê; 2) Mãe e bebê vivendo juntos (neste ponto a criança não tem ciência da função do pai ao lidar com o ambiente para a mãe); 3) Pai, mãe e bebê, todos vivendo juntos (aqui o termo “segurar” (*holding*) significa não apenas segurar fisicamente o bebê, mas também oferecer-lhe a provisão ambiental total anterior ao conceito de *viver com* (Winnicott, 1960/2020, p. 53, grifo do autor).

Campana et al. (2019) colocam que, embora Winnicott atribua ao pai um papel de sustentação e proteção da mãe nos estágios iniciais da vida, é necessário, na atualidade, considerando as transformações nas configurações familiares e na parentalidade, ampliar essa compreensão. O exercício da função paterna pode ser pensado para além da função de suporte, envolvendo a participação direta de ambos os genitores no cuidado cotidiano e no vínculo com o bebê, vivenciando uma experiência compartilhada desde o início.

As funções maternas e paternas são complementares, o pai também interfere positivamente no limite na relação inicial fusionada mãe-bebê, formando uma tríade. Esta primeira configuração triangular é de extrema importância para o desenvolvimento infantil e para a vida adulta. É um incentivo à autonomia e ao ser.

O autor descreve que ser criativo diz respeito ao modo de estar no mundo, à capacidade de sentir que a vida é real e significativa. Essa condição só se torna possível se, nos primórdios do nascimento, o ambiente não falhe de forma traumática, permitindo que o bebê inicie sua relação com a realidade a partir do gesto espontâneo (Winnicott, 1960/2020). Desta forma, o ambiente e o viver criativo se constroem mutuamente. A qualidade dos cuidados iniciais oferece sustentação ao desenvolvimento contínuo do sujeito.

Fulgêncio (2016) coloca que, durante a *fase de dependência absoluta*, algumas conquistas ocorrem no campo das integrações. O bebê começa a perceber progressivamente que nem tudo advém dele e que há diferenças entre suas necessidades e a forma como é atendido. Assim, o ambiente começa a ser percebido, ainda que de forma obscura.

Nesta primeira fase, as experiências vivenciadas pela criança na relação com a mãe levam-na a sentir a angústia de separação e a utilizar alguns objetos intermediários que constroem a ponte entre o mundo interno e externo, possibilitando que transite entre o estágio de dependência absoluta e o de dependência relativa. Estes objetos utilizados pelas crianças são chamados por Winnicott (1951/2022) de *objetos transicionais* e as ajudam a enfrentar o processo de separação gradativa da mãe, resultando no estabelecimento da diferenciação entre o eu e o não eu e a passagem para a dependência relativa.

Nessa linha de pensamento, Fulgêncio (2016) relata que a *fase de dependência relativa* começa por volta dos quatro meses e vai até um ano e meio. Nessa fase, o bebê pode dar conta de esperar para ser atendido em suas necessidades, iniciando o reconhecimento dos objetos e um processo de separação da mãe. É um estágio marcado pela experiência dos fenômenos transicionais.

Para Winnicott (1983, p. 83), este vem a ser um estágio de “adaptação a uma falha gradual dessa mesma adaptação”, ou seja, o bebê pode ter conhecimento da sua dependência e pode ocorrer uma adaptação por parte dele às falhas da mãe, uma vez que, durante o tempo em que ela está cuidando do bebê, está também corrigindo suas falhas. Isto, para o autor, constitui uma comunicação de amor, pois mesmo cometendo erros,

há um ser humano que se preocupa. Existem variações, de acordo com cada bebê, em relação à capacidade de usar a compreensão intelectual, isto em decorrência do modo como a realidade é apresentada a cada uma delas. Nesse caminho, cabe ao ambiente dar sustentação para esse processo gradual de contato e reconhecimento da realidade externa, sendo importante que o ambiente sobreviva às reações amorosas e destrutivas da criança, de forma a dar suporte para a experiência de integração do eu.

Além do processo de integração, o indivíduo passa pelo processo de personalização. Para Winnicott (1963/2020), a personalização é um estado vivido pelo bebê na fase inicial de sua vida, que consiste na possibilidade de vivenciar a localização do eu no próprio corpo. O estágio inicial da integração e o estágio da personalização são interligados, uma vez que a partir da integração do *self*, a criança pode sentir sua personalidade em seu corpo e isto se constitui por meio da experiência de ser cuidada. Após esse período, de posse do eu, o indivíduo terá que caminhar para a integração em si mesmo, repleta de impulsos e sentimentos diversos, como aponta Fulgêncio (2016).

Na fase denominada de *Rumo à independência*, que surge de um ano e meio para frente, a criança, no seu caminho de vida, adquire a capacidade de ir vivendo sem um cuidado real, o que, de acordo com Fulgêncio (2016), só é vivido em razão do acúmulo de recordações de cuidado dos estágios anteriores, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção desses cuidados que promovem a constituição de uma confiança no meio.

Assim, para Winnicott, esse caminho de conquista do ser, se dá por meio do acúmulo de recordações do cuidado, dadas de forma inconsciente, da projeção de necessidades pessoais e da introjeção de detalhes do cuidado. Assim, com o desenvolvimento da confiança no ambiente, o bebê encontra formas de ir vivendo sem o cuidado real. Ter consciência da dependência da mãe causa um sentimento de ansiedade ao separar-se dela, e isto revela que o bebê está apto a efetuar a distinção entre o eu e o não-eu. O bebê que é capaz de identificar-se com sua mãe e vê-la separada de si alcançou um estágio importante, descrito por Winnicott (1983) como status unitário. Isto significa a capacidade de sentir-se completo, percebendo a existência de uma pessoa habitando em seu corpo, que possui a pele como limite do interior e do exterior.

Todos os investimentos dados de forma suficientemente boa contribuem para a criança alcançar este estágio e seguir com o seu desenvolvimento de forma satisfatória. A identificação com a mãe, o ambiente sustentador e acolhedor e a experiência do *holding* e do *handling*, permitem ao bebê sentir-se um indivíduo amado, que habita em um corpo, que é capaz de reconhecer os objetos externos como não-eu, capaz, portanto, de simbolizar e lançar-se no mundo de forma criativa. Desse modo, é possível que a criança se torne capaz de identificar-se com a sociedade e de povoar o mundo com amostras da sua vida interior, pois a sociedade em que está inserida, de alguma forma, é um reflexo de seu próprio mundo pessoal.

Nesse percurso de amadurecimento, os cuidados maternos irão se transformar em um cuidado oferecido pela mãe e pelo pai, que juntos assumem a responsabilidade por seu bebê e pela relação entre todos os filhos. Esse cuidado proporcionado evolui para a família e esta palavra começa a ter seu significado ampliado ao incluir outros parentes próximos. Aos poucos, o mundo vai se adentrando na vida da criança, e essa introdução gradual do ambiente externo é a melhor maneira de levar uma criança a entrar em conexão com um contexto mais vasto, que segue de acordo com o que a mãe lhe apresenta da realidade externa. Atingir a maturidade emocional não exclui a oportunidade do indivíduo oscilar entre estados dependentes e independentes.

Winnicott (1993) salienta que o modo pelo qual organizamos nossas famílias demonstra na prática o que é a nossa cultura. Com o passar do tempo, a nossa cultura vai se modificando e, com ela, os tipos de relações também se modificam. A dinâmica familiar, como percebemos, também muda, e com ela os modos de se relacionar dentro da família. Após todas estas conquistas, segue-se um período de latência, a adolescência, a chegada à maturidade, a velhice e a morte.

Segundo Fulgêncio (2016), a teoria de Winnicott descreve as maneiras pelas quais o ser humano caminha de uma total dependência em relação ao mundo para a busca de sua autonomia. Esse processo é algo

que permeia toda a sua existência, na busca de constituir-se enquanto ser e de viver a vida, sentindo-se capaz de responsabilizar-se pelos acontecimentos vividos.

Porém, é importante destacar que, nesse percurso de vir a ser, alguns acontecimentos podem ser perturbadores e, desta forma, afetar o processo, causando conflitos e formas de sofrimento. Quando não há uma provisão ambiental suficientemente boa, o *self* não se desenvolve, e essa falha pode provocar efeitos nefastos sobre a saúde mental, trazendo quadros de sofrimento no campo da desintegração, das dificuldades de integração entre o somático e o psíquico, bem como de ansiedades e angústias primitivas, ligadas às problemáticas da ordem dos investimentos nesses estágios iniciais.

Pinheiro e Viana (2023), ao discutirem as formas de sofrimento na atualidade, assinalam que os aspectos narcísicos têm se destacado na clínica atual e que casos no campo das neuroses, e também para além dela – tais como casos-limite, falso-*self* e graves depressões –, evidenciam a necessidade de compreender como tem se dado o processo de encontro do sujeito com o mundo, a sustentação que lhe foi oferecida e a sua construção da capacidade de confiar, uma vez que tais questões se apresentam fragilizadas no cenário atual.

### *Parentalidade: um novo olhar no contexto da Psicanálise*

Ao buscar as ideias de Winnicott sobre as funções parentais, torna-se necessário considerar como tais questões foram debatidas, a partir das transformações da sociedade e do desenvolvimento da psicanálise. As discussões sobre parentalidade trouxeram outras possibilidades de se pensar essas funções, bem como o cuidado e os vínculos estabelecidos.

Magalhães (2021) coloca que a parentalidade é o resultado de um processo de maturação e de uma reestruturação psíquica que possibilita que adultos assumam o lugar de pais, a partir do atendimento das necessidades corporais, afetivas e psíquicas de seus filhos. Trata-se de um processo que leva à reorganização dos investimentos narcísicos e objetivos. De acordo com a autora, o termo começou a ser desenvolvido nos Estados Unidos, em 1950, e é na década de oitenta que começa a circular pelo Brasil, desde a definição de Lebovici e Stoléru (1983) que considera a parentalidade como os processos mentais, conscientes e inconscientes envolvidos na experiência de tornar-se pai, tornar-se mãe. Para o autor, a parentalidade seria fruto de um trabalho psíquico de elaboração daquilo que herdamos de nossos pais e transmitimos para os nossos filhos.

Segundo Kehdy (2020), a parentalidade depende de um processo de preparação e aprendizagem, que se dá a partir de uma rede de apoio familiar e do que é passado pela família geracionalmente, por meio da transmissão psíquica. Também compõem esse processo o que se vive enquanto sujeito social, os imperativos sociais e modos de vida vigentes na sociedade. Nesse sentido, a parentalidade vai além do ser pai e do ser mãe e ultrapassa a estrutura subjetiva, é também uma experiência inter e trans-subjetiva.

Campana e Gomes (2017) destacam que o conceito de parentalidade não buscou construir uma indiferenciação entre as funções materna e paterna, mas que a ideia de parentalidade visa também à possibilidade de pensar uma maior flexibilidade no campo dos cuidados do adulto para com a criança, levando em consideração as relações afetivas e de pertencimento, bem como os cuidados oferecidos pelas redes de apoio, profissionais e instituições envolvidos com a criança.

Zornig (2012) discorre que, ao se pensar em parentalidade, é importante considerar a pluralidade das famílias contemporâneas. Neste sentido, incluem-se as configurações familiares monoparentais e homoafetivas, além daquelas em que os avós são parte imprescindível do cuidado, sendo importante entender a lógica de investimentos que envolvem a recepção da criança, os adultos que exercem essa função de cuidado e como ocorrem os processos de simbolização. Nessa linha, Iaconelli (2020) destaca que o olhar para as mudanças na família aponta também para uma mudança na parentalidade. Até os anos sessenta, a parentalidade era centrada na relação mãe-filho. A partir dos anos 2000, houve transformações neste cenário, sendo suscitadas “questões de gênero, racialidade, vulnerabilidade social e cultura” (Iaconelli, 2020, p. 12).

Então, é possível dizer que a parentalidade é como um processo que se constitui no intercâmbio de um sujeito recebido por uma família inscrita em um cenário social e que precisa ser olhada dentro desse processo de construção entre o social e o familiar, ou seja, em uma composição conjunta entre ambos. Esse conceito, mesmo que recente, tem sido cada vez mais utilizado pela Psicanálise na contemporaneidade, ao se referir ao campo dos cuidados parentais e às interações entre pais e filhos de forma não dogmática.

Brasil et al. (2025) apontam a importância de se considerar a parentalidade em um amplo espectro relacional, destacando a necessidade de atenção aos vínculos iniciais na vida da criança e ao seu caráter preditivo para consequências, como quadros de sofrimento psíquico que demandam cuidados. Os autores consideram que esses cuidados devem envolver também, uma concepção de promoção de saúde que traga proposições de mudanças, tanto no campo relacional de cuidado com a criança, quanto nos modos de organização da sociedade.

Tomando-se por base as teorizações de Winnicott sobre o primeiro ano de vida e a importância das funções parentais e considerando as discussões sobre a parentalidade e o amplo campo de cuidados envolvidos nessa experiência, cabe suscitar: Como a parentalidade tem se apresentado na atualidade? Quais são os desafios vivenciados no cuidado com as crianças?

### *Os desafios da parentalidade na atualidade*

A experiência da parentalidade e as dificuldades vivenciadas na atualidade são recorrentemente discutidas no campo psicanalítico. Zanetti e Gomes (2011) destacam que vivenciamos um processo de fragilização das funções parentais, em um contexto de mudanças sociais, pautado na autossatisfação, que tem o narcisismo como um sintoma social. De acordo com as referidas autoras, os pais não conseguiram alcançar um equilíbrio, apresentando-se fragilizados na imposição de limites e na construção de um suporte emocional para a criança, o que dificulta que ela lide com frustrações inerentes à condição de ser e viver no mundo.

Junqueira (2014) enfatiza que a parentalidade contemporânea é como um campo de encontros e desencontros, cujas transformações sociais influenciam diretamente essa experiência. O cuidado com os filhos é atravessado pela lógica social vigente, em que estabelecer limites pode significar, na fantasia desses pais, perder o amor dos filhos.

As famílias e o exercício da parentalidade vêm sofrendo transformações nas últimas décadas, influenciadas por demandas sociais, culturais e econômicas que refletem diretamente sobre as formas de vinculação e de organização familiar. Tais mudanças não se restringem, apenas, às configurações familiares, mas também aos modos de cuidado que influenciam diretamente as experiências vinculares na infância (Gorin et al. 2015).

Para Féres-Carneiro (2015) e Roudinesco (2003), essas transformações são decorrentes do desenvolvimento urbano e industrial, das exigências de consumo, do acesso aos métodos contraceptivos, e do aumento da inserção feminina no mercado de trabalho. Esses fatores ressoam na forma como as famílias se relacionam. As autoras referem-se a um processo de enfraquecimento do modelo tradicional de família, ocorrendo mudanças nos papéis familiares e na distribuição das atividades de cuidado, havendo maior autonomia nas escolhas conjugais, profissionais e reprodutivas. Embora essas mudanças ampliem a possibilidade de liberdade e igualdade entre homens e mulheres, elas também produzem novos desafios às funções parentais. Porém, é preciso ser cuidadoso ao localizar os desafios ligados aos arranjos familiares, pois acredita-se que eles dizem mais sobre os modos de vida e de vinculação que se estabelecem em nossa sociedade a partir dos imperativos sociais vigentes.

Em uma cultura marcada pelo narcisismo como sintoma social, em que a lógica neoliberal gerencia as experiências vinculares, torna-se um grande desafio exercer a parentalidade, pois na corda bamba das metas e competências a serem atingidas, existem sujeitos desamparados que apontam para a grande crise da atualidade – a da alteridade. Uma cultura que valoriza o desempenho e o individualismo tem como retrato a

difficuldade de olhar para o outro e de estabelecer um vínculo, o que pressupõe a troca, o compartilhamento. O imperativo é o gozo pleno, a satisfação imediata.

Neste contexto, observa-se que há uma tendência a manter a criança como protagonista central das relações familiares, muitas vezes associada à busca da satisfação ilimitada do desejo. Esta situação pode dificultar a experiência da falta e da tolerância à frustração, uma vez que ambas as experiências se configuram como fatores fundamentais para a constituição psíquica do sujeito (Scholz et al., 2015).

Soma-se a isso o aumento da valorização por satisfação individual em vez de beneficiar todo o grupo familiar (Gorin et al., 2015), bem como a partilha das funções parentais, que são também delegadas hoje às instituições de ensino (Scholz et al., 2015). Alguns estudos também ressaltam que essas transformações podem refletir na busca por atendimento psicoterápico de famílias. Os desafios enfrentados no exercício do cuidado e da educação dos filhos aparecem frequentemente associados às queixas apresentadas por famílias nos contextos terapêuticos (Férez-Carneiro et al., 2019).

Neste sentido, é possível dizer que a parentalidade contemporânea sofre um conjunto de questões desafiadoras que refletem diretamente na experiência subjetiva da criança. Conforme discutem Scholz et al. (2015), a valorização da satisfação plena e imediata pode prejudicar a experiência da falta, fundamental para a constituição psíquica do sujeito. Além disso, o lugar da criança como protagonista das relações pode dificultar a sustentação de limites oferecidos pelos cuidadores, na medida em que isto possa ser vivido como ameaça ao vínculo ou como o risco de perda de amor (Scholz et al., 2015; Zanetti & Gomes, 2011). Estas questões contribuem para um exercício parental permeado por inseguranças e falta de clareza do lugar dos adultos na relação com os filhos.

Pitliuk (2020) aponta que, no cenário social atual, encontramos pais e mães desorientados, tentando dar conta de demandas inconciliáveis, repletos de inseguranças e culpa diante dos imperativos sociais construídos em torno do exercício da parentalidade. A idealização dessas funções coloca, muitas vezes, a responsabilidade totalmente atrelada às suas condições individuais.

Lima e Féres-Carneiro (2021) citam estudos recentes que apontam que esse processo de construção da parentalidade não depende exclusivamente da disponibilidade individual dos cuidadores, compreende também questões materiais, redes de apoio disponíveis e políticas públicas voltadas à infância e às famílias. Desta forma, é importante olhar para as dificuldades parentais não como falhas individuais, mas como uma experiência atravessada por fatores estruturais, desigualdades econômicas, suporte social insuficiente e sobrecarga de trabalho.

Biasuti et al. (2022) argumentam que, no Brasil, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023), uma parcela significativa das famílias brasileiras é formada por famílias monoparentais femininas, em que mulheres acumulam responsabilidades domésticas, financeiras e de cuidados. A parentalidade nessas famílias é exercida em condições específicas, que muitas vezes levam a uma limitação da disponibilidade emocional e afetiva dos cuidadores. Assim, é possível enfatizar a necessidade de redes familiares, comunitárias e institucionais que ofereçam apoio e sustentação para o exercício das funções parentais na atualidade, de forma que a experiência do cuidado não recaia exclusivamente sobre os recursos individuais dos cuidadores. Considerar as condições em que a parentalidade é exercida, permite compreender que a oferta de um ambiente suficientemente bom depende também de muitos outros fatores.

Deste modo, entende-se que discutir a parentalidade na atualidade passa por uma abordagem que articule as dimensões subjetivas, vinculares e socioculturais. O cuidado com as crianças envolve, além dos aspectos subjetivos, condições concretas de vida nas quais esse cuidado possa ser ofertado de forma mais tranquila e consistente. Famílias que contam com rede de apoio e maior estabilidade financeira não se encontram atravessadas, na mesma intensidade, por preocupações ligadas à sobrevivência. Essas condições concretas apontam para as bases materiais da experiência da parentalidade, pois incidem sobre a disponibilidade psíquica e afetiva dos cuidadores e, conseqüentemente, sobre a qualidade dos vínculos estabelecidos entre pais e filhos.

A falta de condições concretas para o exercício da parentalidade, a ausência de um suporte social para as famílias, a idealização das funções parentais e os imperativos sociais trazem para as famílias o sentimento de

insegurança, de culpa e de dúvida, quanto ao exercício de autoridade e à construção de limites, o que interfere na possibilidade de oferecer suporte emocional estável para a criança. Desta forma, pode-se dizer que, quando o ambiente oscila, mostra-se vulnerável; o bebê fica suscetível a uma experiência de mundo pouco confiável, justamente em um período crítico, em que a confiabilidade no ambiente é fundamental para o “vir a ser”.

Zanetti e Gomes (2009) apontam para um contexto em que a culpa passa a ser naturalmente descrita como uma característica da parentalidade, produzida pelos ideais sociais de sucesso e desempenho individual e influenciada pelos “discursos de especialistas” sobre como ser pai e ser mãe. Diante da impossibilidade de corresponder a essas expectativas e da necessidade de delegar os cuidados dos filhos a terceiros, recorrendo a babás, avós, projetos sociais e escolas em tempo integral, muitos pais passam a se sentir em dúvida com os filhos. Essa culpa tende a fragilizar o exercício da autoridade, pois o limite passa a ser sentido como ameaça de perda de amor ou de ressentimento. Como consequência, a função parental se desorganiza, interferindo na constituição psíquica da criança e na sustentação de um ambiente emocionalmente estável.

Nesse sentido, os pais contemporâneos encontram diferentes desafios que repercutem na qualidade de seus exercícios de cuidado com seus filhos. Esses desafios precisam ser olhados de forma ampla, considerando as diferentes realidades das famílias. A instabilidade da presença, em razão da necessidade de trabalho, assim como a oscilação entre a espontaneidade e a exigência de desempenho e também os limites mal estabelecidos, provocam transformações significativas nas condições ambientais e na qualidade do vínculo dos cuidadores com o bebê. Assim, refletir sobre o exercício da parentalidade significa ampliar o olhar para a qualidade das relações, para o contexto socioeconômico, para o cenário, para a história e para o tempo em que vivemos, de modo que são essas condições que favorecem ou dificultam a sustentação de um ambiente suficientemente bom nos primórdios da vida (Zanetti & Gomes, 2011).

Ao refletir sobre essa culpa dos pais e o quanto ela impacta o exercício da parentalidade, torna-se necessário considerar como os modos contemporâneos de compreender o cuidado e a responsabilidade parental tendem, muitas vezes, a enfatizar aspectos individuais da experiência. Nessa perspectiva, os desafios vivenciados pelos pais e cuidadores podem ser interpretados como resultado de incapacidade pessoal, ao passo que fatores sociais, econômicos e políticos recebem pouca ou nenhuma atenção. Deste modo, compreender a parentalidade na atualidade exige considerar, também, o papel do Estado e das políticas públicas destinadas ao suporte às famílias, reconhecendo que o cuidado com a criança se constitui na articulação entre todas estas dimensões.

É importante destacar, ainda, que ao discutir as consequências das falhas ambientais, Winnicott não se refere a imperfeições pontuais ou inevitáveis do cuidado cotidiano, mas às falhas que incidem de forma precoce, intensa ou não reparada, ultrapassando a capacidade do bebê de suportar a experiência vivida. Nesse cenário marcado pelas exigências dos modos contemporâneos de gestão da vida, associados à lógica neoliberal, e pelos desafios que se apresentam no campo da alteridade, em que os pais se encontram perdidos no exercício da parentalidade, cabe questionar: Como oferecer uma provisão ambiental suficiente para seus filhos? Como estar sensível e continuamente disponível ao outro, totalmente dependente, em um mundo em que precisamos estar constantemente ativos, produtivos e conectados?

O que se percebe é que essa oferta de provisão ambiental tem se fragilizado e está ligada aos diferentes fatores supramencionados, tendo como consequências as dificuldades na construção da vinculação entre pais e filhos que possibilite a confiança no mundo e a partilha de um viver criativo, levando tanto os filhos quanto os pais a quadros de sofrimento psíquico que remetem a essas questões.

É importante salientar que o objetivo deste estudo não é produzir uma discussão que leve à culpabilização dos pais ou cuidadores, mas sim refletir como os desafios apresentados repercutem na constituição do ser e como esses sujeitos, constituídos nesse contexto, trazem consigo experiências que caminham para uma dificuldade de investimentos iniciais, para a falta de continência e de provisão ambiental e para uma dificuldade de estabelecimento de trocas e de vínculos com os outros, questões que, segundo Pinheiro e Viana (2023), apresentam-se de forma prevalente como demandas na clínica psicanalítica contemporânea.

## Considerações finais

Ao final deste trabalho, é possível considerar que o pensamento winnicottiano destaca e valoriza a importância das funções parentais dos estágios iniciais da vida, sendo os cuidados ofertados a base das condições de confiança e segurança para o sujeito “vir a ser” e encontrar no mundo um espaço de confiança e criatividade.

Contudo, os desafios apresentados à parentalidade na atualidade – tais como as exigências ligadas aos imperativos e ideais sociais, aos discursos especializados e às múltiplas expectativas – refletem diretamente sobre a possibilidade de oferta de um ambiente suficientemente bom, interferindo na disponibilidade psíquica necessária à adaptação às necessidades iniciais do bebê e no oferecimento das garantias necessárias para o “vir a ser”.

Nessa perspectiva, a provisão ambiental deve ser pensada de forma mais ampla, considerando a qualidade das relações estabelecidas com a criança, as condições materiais, o contexto socioeconômico, a presença ou ausência de redes de apoio familiares, comunitárias e sociais, o acesso às políticas públicas, as demandas de trabalho e os aspectos socioculturais que influenciam diretamente a experiência da parentalidade. Isso evidencia que, apesar da sociedade atual, em que a lógica neoliberal gerencia as experiências de sofrimento psíquico (Safatle, 2020), levando a compreendê-lo como algo da ordem individual, os desafios da parentalidade não se atrelam a questões essencialmente individuais ou familiares. Trata-se de desafios que devem ser enfrentados também como questões sociais e coletivas, considerando o sofrimento psíquico e as questões vinculares como algo que se constitui no ambiente, que é, antes de tudo, um ambiente social.

Este estudo sugere que há a necessidade de que o olhar e a atenção às famílias e às relações parento-filiais ultrapassem perspectivas centradas na responsabilização individual dos pais, favorecendo espaços de escuta que acolham as dificuldades e os desafios apresentados no exercício da parentalidade na atualidade. Além disso, há a necessidade de políticas públicas que colaborem com o fortalecimento de redes de apoio e acesso a serviços que viabilizem e ofereçam suporte aos cuidados parentais. Desse modo, entendemos que é necessário olhar para a parentalidade para além dos ideais prescritos, em busca de construir condições ambientais, sociais e institucionais que favoreçam o amadurecimento das crianças.

## Referências

- Biasuti, C. M., Nascimento, C. R. R., Gato, J., & Bortolozzo, M. L. (2022). Same-sex parenting in Brazil and Portugal: An integrative review. *Research, Society and Development*, 11(16). <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i16.38227>
- Brasil, K. T., Lazzarini, E. R., Scheinkman, D., Maesso, M., Baron, S., Legnani, V., & Drieu, D. (2025). Parenthood: Contributions from psychoanalysis to public health policies. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 41(spe1), 1-8. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e41nspe11.en>
- Campana, N. T. C., & Gomes, I. C. (2017). O exercício parental contemporâneo e a rede de cuidados na primeira infância. *Psicologia em Estudo*, 22(3), 449-460. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v22i3.35067>
- Campana, N. T. C., Santos, C. V. M. dos, & Gomes, I. C. (2019). De quem é a preocupação primária?: A teoria winnicottiana e o cuidado parental na contemporaneidade. *Psicologia Clínica*, 31(1), 32–53. <https://doi.org/10.33208/PC1980-5438v0031n01A02>
- Féres-Carneiro, T. (2015). *Casal e família: Transmissão, conflito e violência*. Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T., Machado, R. N., Mello, R., & Magalhães, A. S. (2019). Demand for family therapy and contemporary parenting. *Psicologia Clínica*, 31(1), 15-31.
- Fulgêncio, L. (2016). *Por que Winnicott?* Zagodoni.

- Gorin, M. C., Mello, R., Machado, R. N., & Féres-Carneiro, T. (2015). O estatuto contemporâneo da parentalidade. *Revista da SPAGESP*, 16(2), 3-15.
- Herrmann, F. (2004). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43-83). Casa do Psicólogo.
- Iaconelli, V. (2020). Reprodução de corpos e de sujeitos: a questão perinatal. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Parentalidade* (Coleção Parentalidade & Psicanálise). (1a ed., pp. 71-86). Autêntica.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023). *Síntese de indicadores sociais: Uma análise das condições de vida da população brasileira: 2023*. IBGE.
- Junqueira, M. F. A. (2014). Parentalidade contemporânea: Encontros e desencontros. *Primórdios*, 3(3), 33-44.
- Kehdy, R. W. (2020). Redes de apoio: cuidar de pais na chegada de um filho. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Laço* (Coleção Parentalidade & Psicanálise). (1a ed., pp. 67-80). Autêntica.
- Laurentiis, V. R. F. (2016). *Corpo e psicossomática em Winnicott*. DWW Editorial.
- Lebovici, S., & Stolér, S. (1983). *Le nourrisson, la mère et le psychanalyste: Les interactions précoces*. Le Centurion.
- Lima, S. J. P., & Féres-Carneiro, T. (2021). Experiência subjetiva no exercício da monoparentalidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(2), 709-729. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.61065>
- Machado, G. M. A., & Salomão, N. M. R. (2022). Fontes de informações parentais tradicionais e o uso da internet no primeiro ano de vida do bebê. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 15(1), 1-25. <https://doi.org/10.36298/gerais202215e17367>
- Magalhães, A. S. (2021). Parentalidade. In R. B. Levisky, M. L. Dias, & D. L. Levisky (Orgs.), *Dicionário de psicanálise de casal e família* (pp. 387-392). Blucher.
- Pinheiro, T., & Viana, D. (2023). Da clínica à teoria: O percurso de um grupo de pesquisa em psicanálise. In J. Vertzman, T. Pinheiro, & R. Herzog (Orgs.), *De Narciso a Sísifo: Os sintomas compulsivos hoje* (pp.17-46). Blucher.
- Pitliuk, L. (2020). Winnicott e os desafios da parentalidade. In D. Teperman, T. Garrafa, & V. Iaconelli (Orgs.), *Laço: Parentalidade & psicanálise* (Vol. 2, pp. 37-52). Autêntica.
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Zahar.
- Safatle, V. (2020). A economia é a continuação da psicologia por outros meios: Sofrimento psíquico e neoliberalismo como economia moral. In V. Safatle, N. Silva Junior, & C. Dunker (Orgs.), *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico* (pp. 15-212). Autêntica.
- Scholz, A. L. T., Scremin, A. L. X., Bottoli, C., & Costa, V. F. (2015). O exercício da parentalidade no contexto atual e o lugar da criança como protagonista. *Estudos de Psicanálise*, 44, 15-22.
- Simão, D. A. S., Vaccarezza, G. T. C., Rocha, G. C. V., Marcatto, J. O., & Oliveira, S. R. (2026). Influência da parentalidade, estilos e práticas parentais no desenvolvimento infantil: Revisão integrativa. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*, 16. <https://doi.org/10.19175/recom.v16i0.5406>
- Tavares, L. A. T., & Hashimoto, F. (2013). A pesquisa teórica em psicanálise: Das suas condições e possibilidades. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 166-178.
- Winnicott, D. W. (1951/2022). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (B. Longhi, Trad.; L. Fulgencio, Rev. téc., pp. 13-51). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1956/2022). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise* (D. Bogomoletz, Trad., pp. 491-499). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1960/2020). A teoria do relacionamento pais-bebê. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e o ambiente facilitador* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 44-69). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1963/2020). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e o ambiente facilitador* (I. C. S. Ortiz, Trad., pp. 104-116). Ubu.

- Winnicott, D. W. (1967/2022). O ambiente saudável na infância. In D. W. Winnicott, *Os bebês e suas mães* (pp. 73-82). Ubu.
- Winnicott, D. W. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trad.). Artmed.
- Winnicott, D. W. (1993). *A família e o desenvolvimento individual*. Martins Fontes.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2009). A ausência do princípio de autoridade na família contemporânea brasileira. *Psico*, 40(2), 194-201.
- Zanetti, S. A. S., & Gomes, I. C. (2011). A fragilização das funções parentais na família contemporânea: Determinantes e consequências. *Temas em Psicologia*, 19(2), 491-502.
- Zornig, S. A.-J. (2012). Construção da parentalidade: Da infância dos pais ao nascimento do filho. In C. A. Piccinini, & P. Alvarenga (Orgs.), *Maternidade e paternidade: A parentalidade em diferentes contextos* (pp. 17-34). Casa do Psicólogo.